

# Sucessão definida

10 SET 1994

A normalidade no encaminhamento da sucessão presidencial não é uma questão pertinente aos interesses pessoais dos candidatos. Interfere diretamente com outros e mais substanciais anseios da coletividade nacional. Na medida em que se instala a convicção sobre a regularidade do processo, tanto pela solidez dos laços políticos que devem amarrar a estabilidade das candidaturas quanto pela introdução da participação popular, fortalecem-se as estruturas democráticas e se destina à Nação a perspectiva de um futuro mais promissor.

Esse clima de convergência das atenções nacionais para o ato supremo de escolha do futuro governante do País, sobretudo em uma fase delicada de transição institucional, é indispensável para que a Nação possa perquirir as variantes com as quais deve lidar na colocação de seu trabalho e no exercício do esforço solidário em busca de melhores dias.

O mecanismo político da sucessão, ao rolar sobre o plano dos debates e incorporar a participação da cidadania, empurra a sociedade na direção de um interesse vital à consolidação do regime de franquias democráticas. E inibe, na vertente oposta, ações prejudiciais à construção de instituições abertas, afluentes, democratizadas.

Apesar da perda irreparável de

tempo na aceitação da questão sucessória dentro dessa ordem de avaliação política, afinal a campanha dos candidatos enveredou — tudo faz crer que definitivamente — pelos caminhos normais da luta pelo controle do poder. As indicações nesse sentido procedem de várias direções, entre as quais se podem incluir a disposição do presidente Figueiredo de patrocinar o candidato de seu partido e o esforço das Oposições para consolidar a sua opção sucessória.

Estratifica-se, assim, um quadro de realidades que serve para identificar, com tintas bem mais nítidas, o balizamento político nacional. Aos poucos, vai-se saindo da situação de perplexidade, sugerida por um processo sucessório renitente às definições conclusivas. Esta semana, o presidente Figueiredo foi à praça pública, ao lado de seu candidato, para oferecer-lhe o testemunho de sua solidariedade política. E, mais que isso, renovar o seu compromisso de fidelidade aos pressupostos democráticos, garantindo a intangibilidade do mandato presidencial que vier a ser outorgado pelo Colégio Eleitoral, seja qual for o lado vitorioso.

Do lado das Oposições — e no terreno que mais lhes propicia apoio popular —, o candidato presidencial e seus correligionários participaram de ato público em

Goiânia para expor idéias e princípios programáticos. E quanto mais intensa essa atividade política, em ambos os lados da campanha sucessória, mais sólida restará na consciência nacional a certeza de que o País dispõe em definitivo das variáveis partidárias para a futura gestão do poder.

Para revestir de maior segurança esse quadro de favorabilidades, até mesmo o Ministro-Chefe do Gabinete Civil, Leitão de Abreu, sobre quem pendia suspeitas de atuar no sentido da mudança do quadro sucessório, veio à boca de cena para considerar “um delírio” as esperanças daqueles que ainda jogam na possibilidade de alterações. Está-se, em consequência, diante de uma nova realidade, sustentada em escoras políticas bem mais sólidas. E era essa realidade que a sociedade nacional desejava ver definida para libertar-se das apreensões, entregar-se confiante ao seu trabalho e lançar-se a uma participação política sem recear intempestivas alterações nas regras do jogo.

Agora é trabalhar para que o comboio da sucessão transite sobre os trilhos lançados até a estação final do Colégio Eleitoral, à distância de qualquer risco de descarrilamento. A Nação não suportaria um acidente de percurso com essa dimensão.